



A REZADEIRA MARIA JOANNA DE AZEVEDO: REPRESENTAÇÃO FEMININA NA VISITAÇÃO DO SANTO OFÍCIO AO ESTADO DO GRÃO-PARÁ EM 1766

Alexandre Ribeiro Martins¹

Nas catacumbas, a Igreja é muitas vezes representada como uma mulher em oração, com os braços largamente abertos em atitude de orante².

No período setecentista, a metrópole lusitana estendeu, com muito zelo, a sua vigilância inquisitorial às terras ultramarinas. Homens e mulheres passaram a ser observados pelos olhares atentos dos inquisidores, sensíveis a qualquer anomalia religiosa.

Nosso estudo tramitará em dois campos: gênero e religião, uma vez que estenderemos nossos olhares a uma mulher rezadeira, chamada Maria Joanna de Azevedo, e dela, desdobraremos conjecturas inerentes ao papel do feminino na vivência religiosa da colônia brasileira no século XVIII.

Efetivamente a prática pastoral do Santo Ofício em terras *brasílicas* se deu por meio das chamadas visitas, que, segundo Novinsky, foram em número maior do que se supunha³.

Dentre elas, as quatro principais visitas do Santo Ofício da Inquisição:⁴ a primeira entre 1591-1595; a segunda entre 1618-1621; a terceira em 1627, pouco conhecida, realizada no Rio de Janeiro “para dar continuidade à ação do tribunal do Santo Ofício da Inquisição de Lisboa”⁵; e a quarta entre 1763-1769.

Nossa confessa situa-se na Visitação ao Estado do Grão-Pará e Maranhão, iniciada em 1763, regida pelo visitador oficial Giraldo Joze de Abranches, outrora Inquisidor Apostólico da Inquisição de Évora, enviado pela diocese de Lisboa, que, ao assinar a ata de comissão da visita ao trópico, expõe a seriedade com que seria promulgado o Ofício Divino:

No delicto, E crime de herezia, E apoztazia, no de peccado nefando, ou Em Outro qualquer, que pertença Ao Santo Officio da Inquizicão, tomar apresentacoens E quais quer denunciacoens e informacoens Testemunhadas Contras ellas E aSim Oz fautores, receptores, a defensores das mesmas E pera que possa fazer, e faca Contra

1 Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná

2 PAULO II, João. *Catecismo da Igreja Católica*: Edição Típica Vaticana. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 377.

3 NOVINSKY, Anita. A Igreja no Brasil colonial: agentes da Inquisição. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo: USP, 1984, pp. 17 – 34.

4 A Visitação da Bahia e Pernambuco (1591-1595); da Bahia (1618), do Rio de Janeiro (1627) e do Estado do Grão Pará (1763-1769).

5 GORENSTEIN, Lina. A terceira visita do Santo Ofício às partes do Brasil (século XVII). In: VAINFAS, Ronaldo; FEITLER, Bruno; LAGE, Lana (org.). *A Inquisição em xeque*: temas, controvérsias, estudos de casos. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006, p. 26.

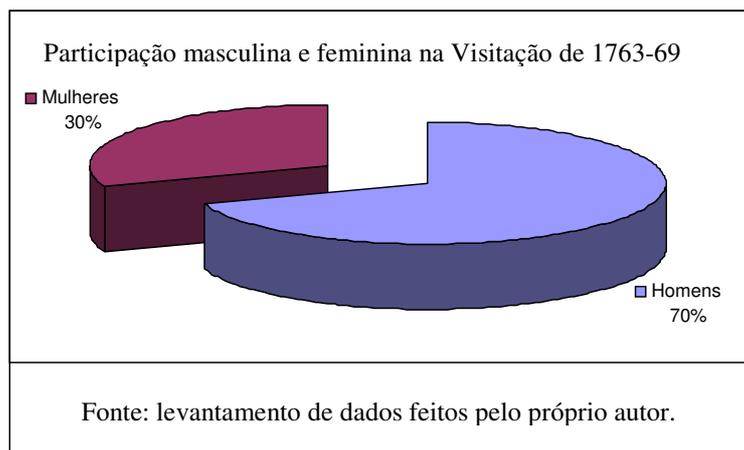


Oz culpados acada hum delles processos imforma descida de Direyto, Sendo necessário Segundo a forma d aBulla da Inquição e Breves Concedidos ao Santo officio,E pera que possa prender Aos dittos Culpados, e Sentencialos Em final Conforme o regimento, e fazer todas as mais couzas, que ao dito cargo de Inquizador, e Vizitador do Santo Officio pertençen; E pera todo o Sobre ditto e Suas dependências lhe cometemos, Nossas vezes, a damos inteyro poder⁶.

Proclamava-se aí a voz da Igreja, para conceder ao inquisidor Giraldo Joze de Abranches, poderes totais no que diz respeito aos artigos de fé e de lei, uma vez que ambas as jurisdições, nas Ordenações Filipinas, estavam imbricadas⁷.

Uma vez oficializada a visitação ao Estado do Grão-Pará e Maranhão, várias foram às denúncias e confissões de heréticos acusados ou arrependidos, contabilizando um total de 46 casos registrados em ata.

Deste montante, 14 são marcadamente caracterizados pela presença feminina, graficamente representada pela seguinte porcentagem:



Logo, 30% do total dos casos de apresentações e denúncias a Visitação do Estado do Grão-Pará e Maranhão são de participação feminina, quase todas (93%), relacionadas à deturpação doutrinal e dogmática por meio de simpatias ou rezas alheias a *lapis lydius*⁸ da ortodoxia oficial da Madre Eclésia.

Nossa rezadeira tornar-se-á objeto de análise, constando na ata inquisitorial datada de 07 de novembro de 1766, por recitar algumas orações que outrora aprendera com sua vizinha e amigas

6 LAPA, José Roberto do Amaral (org.). *Livro da Visitação do Santo Officio da Inquição ao Estado do Grão-Pará (1763-1769)*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 117.

7 As Ordenações Filipinas, impressas em 1603, constituíram por muito tempo a legislação oficial lusitana, responsável pela sustentação jurídica e religiosa tanto da Metrópole como de suas possessões ultramarinas.

8 A expressão latina refere-se a um instrumento, à base de fragmento de jaspe, utilizado para testar a autenticidade do ouro e da prata. In: VILLER, M. et alii. *Dictionnaire de spiritualité ascétique et mystique, doctrine et histoire*, Paris: Beauchesne, 1993, p. 983.



próximas⁹, para reatar um antigo caso amoroso. Dentre as várias orações e peculiaridades confessadas por Maria Joanna de Azevedo, uma em especial nos chama particular atenção, por invocar um santo católico, contudo, ressignificado pela credence popular, na *Oração de Sam Marcos de Veneza*.

Esta oração encontra-se presente ainda em três casos de homens confessos registrados em ata: Manoel Pacheco¹⁰, Manoel Nunes da Silva¹¹ e Lourenco Rodrigues¹².

Do ponto de vista teológico, a oração “(...) é a elevação da alma a Deus ou o pedido a Deus dos bens convenientes”¹³. É a forma que a criatura estabelece relação com o Criador. Contudo, esta oração não deveria acontecer deliberadamente, pois, “não sabemos o que seja conveniente pedir”¹⁴.

É por isto que a Igreja, justificada pela inspiração do Espírito Santo, tinha em suas fórmulas litúrgicas a maneira correta de orar, conforme já dizia Santo Agostinho, conscientizando que “o homem é o mendigo de Deus”¹⁵.

Em desdobramento a esta realidade, qualquer manifestação de oração que não brotasse do seio da Igreja, era vista com desconfiança pelos olhares atentos dos cristãos responsáveis pela manutenção da fé em detrimento as possíveis práticas de heresia.

Invocado pela maranhense como *Sam Marcos de Veneza*, o 34º papa católico, Marcos, do ano de 336, é um santo italiano canonizado do qual temos muito pouco acesso a sua história oficial, já que pertencia ao cristianismo antigo carente de fontes.

Sua história foi certamente reinterpretada, sendo subentendido nas orações como alguém que acalmou leões com a palavra divina, provavelmente porque foi confundido com um mártir ou ao menos, com alguém que tivesse enfrentando um risco real de martírio. Contudo, a sua história oficial em nada menciona tais acontecimentos, mas sim o de ser o primeiro papa a

9 Cf. LAPA, José Roberto do Amaral (org.). *Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará (1763-1769)*. Petrópolis: Vozes, 1978, pp. 250, 251 e 254.

10 LAPA, José Roberto do Amaral (org.). *Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará (1763-1769)*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 236.

11 LAPA, José Roberto do Amaral (org.). *Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará (1763-1769)*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 239.

12 LAPA, José Roberto do Amaral (org.). *Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará (1763-1769)*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 242.

13 Sta Teresa do Menino Jesus, Ms. *Autobiografia*. In: PAULO II, João. *Catecismo da Igreja Católica*: Edição Típica Vaticana. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 655.

14 BÍBLIA. N. T. Rm. Português. *Bíblia Sagrada*. 126 ed. São Paulo: AVE-MARIA Edições, 1999, cap. 8, versículo 26.

15 AGOSTINHO, Sto. *Sermões*. 56,6,9: PL 38,381. In: PAULO II, João. *Catecismo da Igreja Católica*: Edição Típica Vaticana. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 655.



documentalmente arquivar e divulgar os nomes dos cristãos que morreram mártires, por meio do *Depositio martyrum*¹⁶.

A oração herética era recitada sempre com um objetivo em comum: abrandar o coração de uma pessoa, fazendo-a apaixonar-se pelo suplicante. Mas qual era a relação entre a invocação do santo casto e o cometimento de um pecado adúltero?

Segundo Roger Chartier, devemos nos atentar “às estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ‘ser percebido’ constitutivo de sua identidade”¹⁷, efetivando representações.

Conjecturar, portanto, a indagação acerca do porquê desta assimilação dicotômica, faz-nos compreender um signo de pensamento teórico representativo do feminino na colônia brasileira no século XVIII, que estabelece possibilidades de entendimento das modalidades variáveis que discriminam categorias de significados¹⁸, sobretudo, por atribuição das relações de poder que se vinculam entre os sujeitos e a Igreja.

Provavelmente a questão central esteja focada na credence popular colonial que não se pautava tanto na história real do santo, mas sim em um imaginário de significados que foi criado, perante a força de sua palavra, para então, interceder para o sucesso amoroso do pedinte.

A ré orou traçando sinais de cruz sobre o corpo e cuspiendo no chão, conforme fora instruída, da seguinte forma:

Sam Marcus de Veneza te marque, JEsus Christo te abrande, a Hostia ComSagrada te encarne, o Espirito Santo teconfirma naminha vontade: Os teus olhos de piedade postos emterra, as mais te pareçaõ Lama Eterra ESo eu te pareça Perolas de Ouro: Meu Glorioso SamMarcus altos montes Sobestes Touros bravos encontres com as vossasSantas palavras abrandastes assim pos peço que meabrandeis o coração de follano, que elle naõ, que elle naõ possacomer, nem beber, nem dormir, nem _____ sem commigo vir estar¹⁹.

Sua fórmula de recitação da reza é muito próxima dos demais casos registrados nas atas inquisitoriais, salvo brevíssimas diferenciações. Manoel Pacheco de Madureyra, ao apresentar-se a mesa inquisitória, em 1765, confessou que um índio forasteiro havia lhe ensinado a oração de Sam Marcus, apresentou-a da seguinte forma:

16 *A vida do Papa São Marcos*. Disponível em <http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/papas-catolicos/marcos.php>. Acesso em 28/09/09.

17 CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*. A história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 72.

18 CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*. A história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 74.

19 LAPA, José Roberto do Amaral (org.). *Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará (1763-1769)*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 251.



São Marcus de Veneza te marque: JEsu Christo teabrande a hostia consagrada te confirme: Santo, Teror, Querer, Total: Marcus com osTouros bravos encontrastes, com a vossa Santa palavra os abrandastes, assim vos peço que abrandeis o coração de fulana.²⁰

Já na confissão de Manoel Nunes da Silva, do mesmo ano de nossa ré, em 1766, temos uma pequena variação da oração, recitada da seguinte forma:

Fulana Sam Marcos deVeneza te Marque, a Hostia Consagrada EoEspirito Santo meconfirma natua uontade, paraquetodos tepareçam terra, E Eu So Fulano te pareça Perolas, eDiamantes. Oh Gloriozo Sam Marcos, que aosaltos montes Subistes aosTouros brauos encontrastes ComoofasSantas palauras abrandastes aSsim Vos peço abrandeis o coração defulana para quenaõ poSsacomer nem beber, nemSucegar SemCommigo uir estar, Tam Manca, ehumilde, aSsim Como christo foi pêra aAruore daVeraCruz²¹.

Alguns elementos comuns à oração de Manoel Pacheco aparecem na oração de Manoel Nunes, contudo, a oração recitada por Lourenço Rodrigues, também em 1766, aproximar-se-á em muito com a oração de Maria Joanna de Azevedo, conforme nos consta:

SamMarcos deVeneza te mar que, EaHostia Consagrada, EoEspiritoSanto teconfirme naminha Uontade pêra que tu te percas pormim Naõ Eu porti; Gloriozo SamMarcos que os Montes Santos Subistes AosTouros brauos encontrastes Com o voSsa Santa Palaura abrandastes; asSim vos peço que abrandeis Fulana (...) paraquenaõ posSa Comer nembeber Sem Commigo vir estar efallar tam humilde etam Mansa, como omanso Cordeiro foi para a Aruore deVera Cruz Amem Jezus.²²

Disto, podemos inferir que por mais que sofresse variações, sobretudo por não ser uma oração redigida em documentos ou bulas, sua estrutura fundamental era a mesma, partindo da associação de vários elementos sagrados, como a Hóstia Consagrada, a Cruz e o próprio Espírito Santo, para que o sujeito alvo da oração não resistisse aos encantos do orante.

No seu clamor a São Marcos, Maria Joanna de Azevedo apela ao sobrenatural, apontando-nos sua forte participação no imaginário religioso colonial. No entanto, salienta-se também sua carência de formação ética e moral para reger seu artigo de fé, pois, mesmo tendo conotação religiosa, seu real desejo era o de realizar um adultério.

Nas Ordenações Filipinas, o adultério era um pecado nefando, cuja proibição acontecia seguida de severa penalidade, como degredo e açoites²³, no entanto, a gravidade neste íterim, parece residir mais na deturpação doutrinal pela oração do que no desejo de adultério.

É neste sentido que se evidencia mais uma nuance de nossa abordagem, partindo do simbolismo pelo qual comungava a mentalidade setecentista brasileira, uma vez que a observância

20 LAPA, José Roberto do Amaral (org.). *Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará (1763-1769)*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 237.

21 LAPA, José Roberto do Amaral (org.). *Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará (1763-1769)*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 240.

22 LAPA, José Roberto do Amaral (org.). *Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará (1763-1769)*. Petrópolis: Vozes, 1978, pp. 243-244.

23 LARA, Sílvia Hunold (org.). *Ordenações Filipinas*: Livro V – Título XVIII – Do que dorme per força com qualquer mulher, ou trava della, ou leva per sua vontade.



pelas práticas adúlteras era impossível diante do tamanho da colônia, contudo, a vigilância e repressão sobre matérias de fé, como era o caso de orações, feria diretamente a base catequética e doutrinal da evangelização.

Logo, o ato da cobiça e do desejo carnal em ter ela confidente de “tratar illicitamente com certo homem”²⁴ não era o centro do pecado herético, mas sim, a utilização de uma oração para atingir este objetivo, principalmente invocando um santo, de forma intolerável para Igreja pós Concílio de Trento que se posicionou, conforme afirma Ronaldo Vainfas, como uma “cidade sitiada”²⁵.

Apesar da descoberta ultramarina representar um trunfo meridional, o trópico não foi tratado de forma enfática pelo Concílio da Contra-Reforma, já que “ (...) o concílio foi ecumênico de direito, não de fato. Representou sobretudo a cristandade (...) da Europa”²⁶. Não teve nem sequer “(...) um prelado colonial que assistisse às suas sessões”²⁷.

Isto evidencia que a preocupação central da Igreja neste período era o de observar a fé em seus deslizos e inquietações, para a preservação da doutrina católica, perante os abalos da Reforma.

A oração a São Marcos, portanto, como uma releitura popular de um artigo de fé, participa de uma gravidade simbólica inaceitável aos olhares inquisitoriais, somente passível de remissão, pela contrição da confissão e aceitação de penitência purgatória.

Desassossegada por não obter sucesso, Maria Joanna de Azevedo continuou sua busca desenfreada por saciar seus “depravados desejos”²⁸. Mais uma vez recorrendo a São Marcos, agora, orientada por Theodora Lameira, a mulher rezou da seguinte forma:

Fulano SamMarcus temarque Christo te abrande, Christo ___ era, que teponha atua barba em Cruz: A erua ufrana que Na franga foi buscar que tem a rama no Mar, Eas rayZes noCeo aSsim Come esta erua Custou aachar aSsim tu Fulano demim tenaõ possas apartar²⁹.

Próxima das antigas versões, a composição desta oração ensinada pela Theodora Limeira, misturava elementos marcadamente participantes da religiosidade popular, se pautando no pedido de São Marcos em alusão ao martírio da cruz no calvário, para então, compor-se de rimas e versos, mediante rituais de cruzeiros sendo traçadas pelo corpo.

24 LAPA, José Roberto do Amaral (org.). *Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará (1763-1769)*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 251.

25 VAINFAS, Ronaldo. *A heresia dos índios*. São Paulo: Companhia das letras, 1997, p. 19.

26 DELUMEAU, Jean. *Un Chemin d'Histoire, Chrétienté et Christianisation*. In. THOMAS, Keith. *Religião e Declínio da Magia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, edição inglesa de 1971, p.67.

27 BOXER, Charles, *O império colonial português*. Lisboa: Edições 70, 1981, p.101.

28 LAPA, José Roberto do Amaral (org.). *Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará (1763-1769)*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 254.

29 LAPA, José Roberto do Amaral (org.). *Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará (1763-1769)*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 252.



Sem novamente perceber que sua oração surtira efeito algum, nossa rezadeira continuou a apelar a São Marcos, instruída novamente pela Theodora Lameira, agora, numa oração que acreditava ser mais forte que a anterior.

Fulano Sam Marcus temarque, SamMarcus te amanse JESusChristo te abrande oteo Coração, Coração com que mepençais, bocca com que mefallais,olhos com que me vires Se uzam amim com muita pas, econcordia assim Como meuSenhor JESusChristo quando foi pelo caminho de Jerusalém, que Se encontrou com Seos discípulos, Elhedisse epor entrevos amigos meos assim tuFulano meobedeças³⁰.

Longe de ser exclusiva se comparada às demais fórmulas de oração a São Marcos, esta também esta não surtiu resultado algum. Dentre as várias tentativas de reater ilicitamente o objetivo pretendido, voltamos nossos olhos agora para um interessante ritual, que nos acrescenta um ponto fundamental de compreensão a simbologia religiosa inerente à reza: o guspir no chão e traçar sinais de cruz sobre o corpo.

Enfatizado por Rosa Maria dos Santtos³¹ e corroborado por Theodora Lameira³², seria de essencial ritualidade, traçar constantemente sinais de cruz sobre o corpo e, unido a tal prática, cuspir ao chão, por vezes, inclusive, pisando com o pé esquerdo no próprio cuspe.

Quais seriam seus significados simbólicos? Seriam contraditórios tais comportamentos?

Nas Sagradas Escrituras, a saliva (*roq*, em hebraico) tem sua simbologia vinculada a evocar a vida, a cura e a salvação³³, contudo, cuspir em alguém é uma suprema vergonha, uma afronta, punida pela penalidade máxima atribuída pelo povo pré-testamentário, na contaminação da lepra³⁴.

Talvez nem fosse de conhecimento popular tal fundamentação, e mais especificamente, de Maria Joanna de Azevedo, devido à inacessibilidade de conhecimento bíblico, senão, pelos próprios sermões e homilias empreendidos nas igrejas durante missas dominicais ou festivas, mas de qualquer forma, pressupomos alguma relação entre o guspir e uma manifestação de ofensa, pelo menos, motivada pela moralidade assimilada, fruto da evangelização católica.

Tal alegoria nos remete ainda a própria simbologia da boca. Tratando desta questão, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant no *Dictionnaire des symboles*, afirma que a boca “é representada na iconografia universal tanto pela gorja do monstro quanto pelos lábios dos anjos”, podendo ser “(...)

30 LAPA, José Roberto do Amaral (org.). *Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará (1763-1769)*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 252.

31 LAPA, José Roberto do Amaral (org.). *Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará (1763-1769)*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 251.

32 LAPA, José Roberto do Amaral (org.). *Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará (1763-1769)*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 252

33 BÍBLIA. N. T. Mc. Português. *Bíblia Sagrada*. 126 ed. São Paulo: AVE-MARIA Edições, 1999, cap. 8, versículo 23.

34 BÍBLIA. A. T. Num. Português. *Bíblia Sagrada*. 126 ed. São Paulo: AVE-MARIA Edições, 1999, cap. 12, versículo 14.



a porta do Paraíso ou a do Inferno”³⁵. A boca que proferia a oração era, portanto, a mesma que guspia e gorjeava, percorrendo os dois campos da moralidade, entre o bem e o mal, Deus e o Diabo.

Já o sinal da cruz é um ritual utilizado como expressão máxima da invocação da salvação de Cristo. O então recente Concílio de Trento, proclamava aos quatro cantos em alta voz a salvação pela cruz, ao afirmar que “*sua sanctissima passione in ligno crucis nobis iustificationem meruit*”³⁶. Não obstante, na colônia ultramarina ressoou a voz da Igreja, e a veneração da Santa Cruz era uma constante presença no discurso religioso colonial, representando junto com a Eucaristia, sinais máximos da catolicidade.

Projetando uma hipotética compreensão além da relação dualista entre bem e mal, certo ou errado, alçamos atribuições de sentido a tais gestos pensando que, da mesma forma que a oração era paradoxal, assim também eram seus gestos.

A partir daí, podemos inferir a efetiva participação feminina na vida da Igreja em afronta aos seus constantes mecanismos de poder e manutenção, já que de longe, Maria Joanna de Azevedo se destaca ao apresentar-se a mesa inquisitorial para relatar seu crime, sobretudo, se comparada aos homens que assim também o fizeram, inclusive, confessando a recitação da mesma oração.

A riqueza nos detalhes e a insistência ritualística nos permitem concluir a assídua inclinação feminina para tal questão. Assim como nas catacumbas dos cristãos antigos a Igreja era representada por vezes como uma mulher em oração³⁷, na colônia brasileira as mulheres afirmavam-se como tendencionadas a vida espiritual, ainda que, a exemplo de Maria Joanna de Azevedo, estivessem sendo irreverentes de forma desprezenciosa.

Ao término de sua confissão, questionada acerca de seu arrependimento e do real motivo de sua apresentação, assim conforme previa a ritualística inquisitorial, a ré afirmou que o fizera “paradescargo de Sua Consciência Salvação de Sua alma Emerger a Misericórdia”³⁸.

Esta iniciativa vinha de encontro a uma dupla preocupação: a primeira vinculada à idéia de redimir-se do pecado, reajustando-se aos padrões sociais ordinários estipulados pela religião, a segunda e não menos importante, é provavelmente provinda do medo de ser pega pela Santa Inquisição, uma vez que a recitação de uma oração quase blasfêmica tinha vínculo direto com

35 CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dictionnaire des symboles*. Paris : Robert Laffont/Jupiter, 1982, p. 141.

36 – *Por sua santíssima Paixão no madeiro da cruz mereceu-nos a justificação* - Concílio de Trento, DS. 1529 In: PAULO II, João. *Catecismo da Igreja Católica*: Edição Típica Vaticana. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 176.

37 Cf. PAULO II, João. *Catecismo da Igreja Católica*: Edição Típica Vaticana. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 377.

38 LAPA, José Roberto do Amaral (org.). *Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará (1763-1769)*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 258.



ofensas públicas a Deus e a São Marcos, portanto, o risco de ser capturada pelos tentáculos inquisitoriais a qualquer instante gerava um clima de medo e desconfiança na maioria dos cidadãos e cidadãs.

No cotidiano das mulheres, uma religião herdada pela colonização, e vivenciada exaustivamente como constituinte de um horizonte de compreensão, sem dúvidas seria alvo de constantes ataques, mesmo havendo o medo pela repressão e correção. **A rezadeira Maria Joanna de Azevedo: representação feminina na Visitação do Santo Ofício ao Estado do Grão-Pará em 1766** é portanto, um estudo acerca deste processo de relações de poder e mentalidades, resultante dos aparatos concedidos pela história cultural, para então, revelar uma face feminina, no Brasil colonial do século XVIII.

Bibliografia

A vida do Papa São Marcos. Disponível em <http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/papas-catolicos/marcos.php>. Acesso em 28/09/09.

BÍBLIA. N. T. Rm. Português. *Bíblia Sagrada*. 126 ed. São Paulo: AVE-MARIA Edições, 1999.

BOXER, Charles, *O império colonial português*. Lisboa: Edições 70, 1981.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*. A história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dictionnaire des symboles*. Paris : Robert Laffont/Jupiter, 1982.

LAPA, José Roberto do Amaral (org.). *Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará (1763-1769)*. Petrópolis: Vozes, 1978.

LARA, Sílvia Hunold (org.). *Ordenações Filipinas*: Livro V – Título XVIII – Do que dorme per força com qualquer mulher, ou trava della, ou leva per sua vontade.

NOVINSKY, Anita. A Igreja no Brasil colonial: agentes da Inquisição. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo: USP, 1984.

PAULO II, João. *Catecismo da Igreja Católica*: Edição Típica Vaticana. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

THOMAS, Keith. *Religião e Declínio da Magia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, edição inglesa de 1971.

VAINFAS, Ronaldo. *A heresia dos índios*. São Paulo: Companhia das letras, 1997

—————; FEITLER, Bruno; LAGE, Lana (org.). *A Inquisição em xeque*: temas, controvérsias, estudos de casos. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.